

TEXTO DE APOIO

REFLEXÕES A RESPEITO DA EDUCAÇÃO POPULAR E SUAS CONEXÕES COM A DEMANDA DE FORMAÇÃO NA ECONOMIA DOS SETORES POPULARES

1. Procedência da necessidade de explorar a questão

- Em todos os Cursos de Viabilidade Econômica e Gestão Democrática que a CAPINA realizou, os formadores se depararam, freqüentemente, no final do 2º módulo, com a mesma demanda explicitada pela maioria dos participantes: gostariam de um 3º módulo para aprofundar alguns temas. Um desses temas era a Metodologia de Formação e que implicava na discussão da temática da educação popular.
- Recentemente, num estudo bibliográfico feito pela Capina, focando as metodologias de formação no campo da Economia Solidária, mesmo considerando as diferentes abordagens apresentadas, sempre se encontrou, com destaque, uma conexão das práticas de formação com a Educação Popular.
- Ainda nos Cursos, durante as tentativas de descobrir uma melhor definição do lugar do assessor de empreendimentos da economia popular, os vínculos com a dimensão educativa dos processos ficaram tão evidentes que se terminou por adotar a expressão "assessor/educador".
- Nesse percurso, a diversidade de conceituação e de práticas encontradas deixa, então, um campo aberto a diferentes apreensões e exercícios e, por isso mesmo, colocam para nós o desafio de buscar a abordagem que melhor consiga refletir os significados que se possam atribuir aos processos de intervenção na economia dos setores populares.

2. As diferentes leituras e usos da educação popular

O debate do tema tem, na medida do possível, a intenção de tratar a educação popular com a preocupação de tomar distância: tanto da ordem do genérico, como é, em média, apresentada; como do imaginário sociopolítico que invade as intencionalidades dos educadores populares. E, ao mesmo tempo, fazer um movimento de aproximação dos nossos desafios concretos para tentar construir uma leitura/prática que ajude a analisar a demanda e a qualidade das tarefas educativas que os processos de fortalecimento da economia dos setores populares estão a exigir de seus educadores. Enfim, é uma tentativa de fugir do simples discurso e da abstração.

- **Um pouco da história**

A necessidade de contribuições educativas/formativas diversas, por parte dos trabalhadores, suas iniciativas, organizações, bem como das comunidades

populares, é muito antiga. Mas, houve um tempo em que essa nomenclatura de educação popular nem tinha sentido. Pouca diferença fazia, em termos de modos de civilidade, erudição/leitura, entre os habitantes de um castelo e os viandantes das estradas. Houve outro tempo, em que os próprios trabalhadores é que cuidavam de sua formação e isso também não se chamava de educação popular. Com o processo de acumulação de riquezas é que essa dinâmica começou a mudar. A primeira grande ocorrência, além da transformação da força de trabalho em mercadoria foi, concomitantemente, a expropriação dos saberes dos trabalhadores pelos donos do capital. Do mesmo modo, vai se ordenar o acesso a padrões de conhecimento segundo as necessidades atribuídas às classes sociais definidas pela inserção no sistema. E o Estado tem um papel fundamental na administração desses quinhões de saberes. Não há como escapar dessa articulação estreita: saber/poder.

Tomando um atalho na história para observar acontecimentos mais recentes e que influenciaram no modo como foi oficialmente analisada a demanda da sociedade por educação, no período pós-guerra (1946...), não podemos esquecer a UNESCO, uma das diferentes áreas de intervenção da ONU. A Conferência Internacional para a Educação de Adultos (ICEA), apoiada pela UNESCO, abre uma janela sobre essa demanda específica e a legítima.

O redesenho da geografia do mundo, acompanhado dos processos de descolonização/independência, via negociações e/ou guerras de libertação (sobretudo na África), tiveram muita incidência nesse novo cenário. Algumas metrópoles, mesmo antes desses percursos de independência, já tinham criado seus modelos de intervenção de "caráter educativo" em suas áreas de influência. Muitos desses métodos e técnicas, queiramos ou não, por diversos caminhos, chegaram ao Brasil e marcaram os primeiros momentos das atividades educativas junto aos setores populares. Isso quer dizer que a educação popular não é genuinamente brasileira e que a circularidade de saberes não reconhece fronteiras.

▪ **A experiência brasileira**

Sem precisar recorrer aos missionários jesuítas, do que se tem registro, as primeiras iniciativas de atendimento educativo às camadas populares têm muito de religioso e de filantrópico. A prioridade era dada aos jovens no esforço de protegê-los de um destino sombrio (vagabundagem, prostituição, roubo). Vale lembrar que, ainda hoje, muitas das ações tidas como vinculadas à esfera da educação popular, guardam essa aura de filantropia: um movimento da gratuidade na direção da assistência aos pobres, carentes e desprotegidos. Eles não têm nada a dar, só a receber.

Ainda no final da década de 50, no Brasil, e nessa leitura pode-se até entender as conjunturas similares de uma boa parte da América Latina, já se identificavam sinais de saturação da presença imperialista americana. Alguns fatores se somam e ajudam a elevar o nível das tensões políticas na sociedade, abrindo espaço às manifestações de reivindicação, resistência e insurgência que tomam força na década de 60.

O governo desenvolvimentista de JK foi preparatório a esse clima: negociou com a sociedade um espaço de liberdades políticas (o mais significativo é a retirada do Partido Comunista da clandestinidade) na compensação da abertura do país ao capital internacional. O país sai, então, de sua "vocação agrícola" de

pós-guerra (Missão Rockefeller) para impulsionar um parque industrial no percurso da substituição de importações.

Na mesma década de 50, foram criados os Cursos de Ciências Sociais (o estudo do marxismo era permitido), multiplicavam-se as Escolas de Serviço Social, conferindo aos seus diplomados o "status" de trabalhadores sociais profissionalizados, e chegavam às Universidades as primeiras levas de alunos provenientes de outras classes sociais diferentes das dos frequentadores habituais das famílias das elites. Uma parcela da intelectualidade nacionalista, militante, deu respaldo a essa nova sensibilidade política e social.

Uma outra leitura das condições socioeconômicas do país, agora de cunho estrutural, começou a dar sentido às lutas. E, em consequência, começam a se estreitar as alianças entre os movimentos e organizações dos trabalhadores urbanos e rurais e as plataformas políticas nacionalistas fortalecidas pelo momento conjuntural.

Não esquecer que a vitória da Revolução Cubana funcionou como um crédito às utopias e como alimento dos sonhos possíveis.

É nesse clima que diferentes expressões da educação popular se estruturam, se pronunciam e atuam. Suas manifestações se concretizam em vários campos: do teatro, da música, da saúde, da alfabetização, da formação de quadros sindicais (urbanos e rurais), da valorização da cultura popular etc. Algumas ganham maior amplitude, seja pela consistência de seus fundamentos, seja pelo poder de convocação ou pela oportunidade do contexto. Mas convergem numa única direção: a democratização da cultura, as possibilidades de exercício da cidadania, a consideração dos saberes em presença e, sobretudo, a importância da contextualização da intervenção, e o reconhecimento do outro enquanto sujeito histórico e atuante no seu próprio processo educativo. Os ganhos dessa experiência, sócio/político/pedagógica, de curta duração, e apesar de toda repressão exercida pela ditadura, influenciou o que veio depois como abordagens educativas dos setores populares, fossem elas da iniciativa do Estado, ganhando espaço dentro das Universidades e dos sistemas de ensino em geral, ou das organizações de origens diversas, inclusive as que se inspiraram no movimento de renovação das Igrejas, cuja presença é indubitavelmente reconhecida no momento anterior e, mais fortemente, na etapa posterior à instauração da ditadura militar. Isso se explica: em termos de estatura institucional, quem poderia fazer face a um Estado totalitário?

3. Aqui e agora

Com toda valorização que se possa emprestar a esse período, já mais de 40 anos se passaram. Considerando todo referencial filosófico/teórico no qual se apoiavam essas iniciativas históricas, ainda fica a impressão de que elas nunca ultrapassaram seus vínculos com um leque de racionalismos nas suas várias expressões: o iluminismo, o positivismo, o funcionalismo, seu herdeiro mais moderno. Quer dizer, a razão/conhecimento como sede das transformações, o homem dado como pré-inscrito nas suas possibilidades, a criação de controles sociais para a manutenção da ordem e da abertura e gerenciamento dos canais do progresso.

Hoje, não se pode deixar de confrontar a convicção das intenções - o querer, a aposta no que deveria ser se os empreendimentos tivessem sucesso, e a

qualidade de sucesso sonhada – e os suportes de que lançamos mão para explicar o sentido da luta, e a adequação dos dispositivos e ferramentas que servem a esses propósitos.

Agora é uma outra conjuntura, portanto, as demandas por educação dos setores populares emitem novos sinais. Quais são, como interpretá-los, como intervir, como educadores, para agregar conteúdos às forças de mudança? E, ainda, tentar formular esses novos desafios, buscar referências que atualizem as interpretações que se possam dar aos mesmos. Refazer as propostas de enfrentamento com conhecimento de causa, visto que é isso que está sendo pedido aos empreendimentos.

Considerando que os acontecimentos são construídos historicamente, assim como os conhecimentos, adquiridos/elaborados para analisar/explicar esses acontecimentos, vale lembrar que, nesse retalho de história que os assessores/educadores percorrem com os empreendimentos populares eles estão, juntos e ao mesmo tempo, preparando acontecimentos e tentando apreender a dinâmica que os move para conseguir fazer as suas escolhas.

Então, não há como fugir de algumas indagações. O que é possível, hoje, identificar/interpretar como necessidades educativas dos empreendimentos populares? Em que medida essa é uma demanda atual do campo da educação popular? Com que apoios, referências e ferramentas já se podem contar para dar consistência à intervenção educativa junto às iniciativas econômicas populares?

Tudo isso em busca de um pouco mais de clareza sobre o lugar, a atualidade e as possibilidades das práticas educativas no esforço de mudança das relações poder/saber no campo da economia dos setores populares.

Aída Bezerra
Rio, março de 2008.

